

## A frase atribuída ao Papa João Paulo II sobre a comunicação com os mortos

“Cada um constrói a fé à sua medida. Defender um dogma é provar que se tem necessidade dele.” (ERNEST RENAN)

“[...] Precisamos compreender que a especialidade da inteligência humana é expandir a arte de pensar, criar, libertar o pensamento, e não decorar e repetir informações.” (AUGUSTO CURY)

Em 2012, quando publicamos o nosso livro *Os Espíritos comunicam-se na Igreja Católica*, mencionamos uma frase atribuída ao Papa João Paulo II <sup>(1)</sup>, constante de um artigo na revista *Veja* ed. 1899, com o seguinte teor:

**“O diálogo com os mortos não deve ser interrompido, pois, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo.”** (Papa João Paulo II)



Passado algum tempo, alguma coisa nos dizia que deveríamos aprofundar mais nossa pesquisa sobre essa fala imputada a João Paulo II, proferida em 2 de novembro de 1983, na Audiência Geral relativa ao dia de finados.

Recorremos à Internet, mas, naquela época, só a encontramos em Italiano <sup>(2)</sup>, daí a necessidade de recorrermos a uma amiga, que domina o idioma, e que, gentilmente, fez a tradução. Com isso, chegamos à conclusão de que a frase foi tirada de dois trechos do discurso do Papa, que foram

1 SABINO, M. *Um adeus com dor*. in. *VEJA* ed. 1899. São Paulo: Abril, 06/04/2005, p. 88-99.

2 GIOVANNI PAOLO II, *Udiienza Generale, Mercoledì, 2 novembre 1983*, disponível: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19831102.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19831102.html)

transformados em um só período, como se assim o Pontífice a tivesse dito.

Em 01 dezembro de 2014, o prof. José Reis Chaves, em sua coluna, no jornal **O Tempo**, de Belo Horizonte (MG) publica o artigo “*São João Paulo II defendeu o contato com os espíritos*” (3), no qual ele faz referência a essa frase, provavelmente tomada do nosso livro mencionado, uma vez que o recomenda ao leitor.

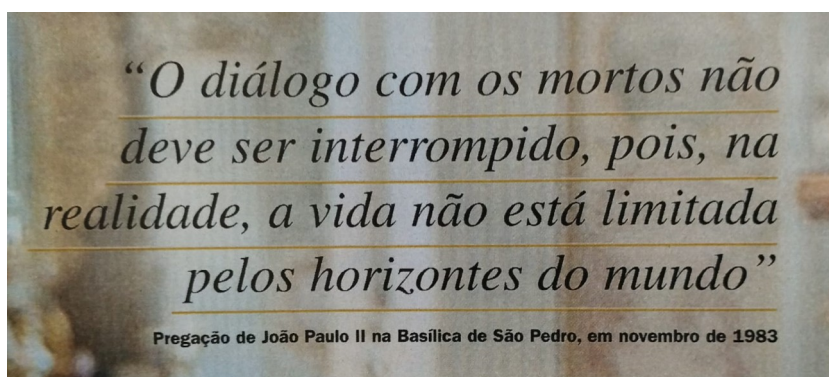
Atualmente, através do escritor Jota Pedroso, Canoas (RS), tomamos conhecimento de que, no próprio **site do Vaticano** da fala de João Paulo II (4), também existe uma tradução em português (5) . O texto integral intitulado “Papa João Paulo II - Audiência Geral”, está no “**Apêndice 1**”, logo abaixo, que aqui só destacaremos os seguintes trechos:

“Somos convidados a retomar com eles, no íntimo do coração, aquele **diálogo que a morte não deve interromper.**”

Um pouco mais à frente lemos:

“Baseados na palavra reveladora do Cristo, o Redentor, estamos certos da imortalidade da alma. **Na realidade, a vida não se encerra no horizonte deste mundo.**”

Vejamos agora, como a frase foi citada pelo jornalista Mário Sabino, em seu artigo na **Veja** (Edição 1899):



- 3 CHAVES, *São João Paulo II defendeu o contato com os espíritos*, disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/jose-reis-chaves/sao-joao-paulo-ii-defendeu-o-contato-com-os-espíritos-1.954879#>, ver Apêndice 2.
- 4 PAPA JOÃO PAULO II, *Audiência Geral, Quarta-feira, 2 de Novembro de 1983*, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19831102.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19831102.html)
- 5 Português de Portugal.

Ora, sabendo que a Igreja Católica não aprova a comunicação com os mortos, essa frase elaborada pelo jornalista leva a crer numa possível mudança de comportamento por parte de seu mandatário, razão pela qual não tivemos dúvida alguma em citá-la em nosso livro. Mas, ao aprofundarmos a pesquisa e levando em consideração o contexto evidenciou-se que a frase é a composição de duas falas distintas transformadas numa só, somos de parecer, que, s.m.j., não é bem isso que o Papa quis dizer. Inclusive, já havíamos tomado a decisão de que, numa possível segunda edição da nossa obra, ela não seria mais citada.

Nesse dia de finados, o diálogo que o Pontífice menciona é o de trazer à memória os mortos, no íntimo do coração, ou seja, pelo nosso pensamento nos ligarmos aos nossos queridos mortos, não é, portanto, algo tipo uma comunicação mediúnica nos moldes que a entendemos no Espiritismo, e aqui, na análise da fala do Papa, temos que pensar como pensam os católicos e não a interpretarmos com os conceitos espíritas que possuímos.

Quando João Paulo II disse que a vida não se encerra no túmulo, apenas defendia a crença católica na imortalidade da alma, julgamos que não devemos ir além desse ponto.

E, do texto, base da fala de João Paulo II, podemos ressaltar mais esse trecho:

***“O autor da Epístola aos Hebreus adverte ao reflectir: ‘Está determinado que os homens morram uma só vez depois do que vem o Juízo’” (Heb. 9, 27).***

Todos nós espíritas sabemos que essa é uma passagem bíblica que os teólogos católicos tomam para negar a reencarnação, um dos princípios básicos da Doutrina Espírita. Então, na fala teríamos o João Paulo II (supostamente) defendendo a comunicação com os mortos ao molde dos espíritas e, logo depois, negando-a. Isso, a nosso ver, trata-se de algo bem incoerente.

Estamos dizendo supostamente porque, fora a questão de recorte das duas frases para transformá-las numa só, e com isso descontextualizá-las, não acreditamos que o nobre Pontífice teria mudado radicalmente de atitude em



1. “Espero a ressurreição dos mortos e a vida eterna”.

Hoje, comemoração litúrgica dos defuntos, o nosso pensamento detém-se sobre a falange dos irmãos que nos precederam na grande meta da eternidade. Somos convidados a retomar com eles, no íntimo do coração, aquele **diálogo que a morte não deve interromper**. [grifo nosso]

Não há pessoa que não tenha parentes, amigos ou conhecidos a recordar. Não há família que não remonte ao próprio tronco originário, com os sentimentos de saudades, da piedade humana e cristã.

Mas a nossa recordação quer ir para além dos legítimos e caros vínculos afectivos e estender-se ao horizonte do mundo. Deste modo atingimos todos os mortos, onde quer que estejam sepultados, em todos os ângulos da terra, desde os cemitérios das metrópoles aos do mais modesto povoado. Por todos, com coração fraterno, elevamos a piedosa invocação de sufrágio ao Senhor da vida e da morte.

2. O dia comemorativo de todos os defuntos, deve ser um dia de reflexão, de modo particular na ocasião extraordinária do Ano Jubilar da Redenção que estamos a celebrar.

De facto, a comemoração dos defuntos faz-nos meditar antes de tudo na mensagem escatológica do Cristianismo: baseados na palavra reveladora de Cristo, o Redentor, estamos certos da imortalidade da alma. **Na realidade, a vida não se encerra no horizonte deste mundo** [grifo nosso]: a alma, criada imediatamente por Deus, quando atinge o fim fisiológico do corpo, permanece imortal e os nossos próprios corpos hão-de ressurgir transformados e espiritualizados. O significado profundo e decisivo da nossa existência humana e terrena está na nossa “pessoal” imortalidade: Jesus veio revelar-nos esta verdade. O Cristianismo é certamente também um “humanismo” e propugna com força o desenvolvimento integral de cada homem e de cada povo, associando-se a todos os movimentos que querem o progresso individual e social; mas a sua mensagem é essencialmente ultraterrena, colocando o inteiro sentido da existência na perspectiva da imortalidade e da responsabilidade. Então as imensas multidões dos que já nos séculos passados atingiram o termo da própria vida, estão todas bem vivas; os nossos caros defuntos estão ainda hoje vivos e presentes também, de algum modo, no nosso quotidiano caminho. “A vida não é tirada mas transformada, e ao destruir-se a morada deste exílio terreno, é preparada uma habitação eterna no céu” (Prefácio dos Defuntos).

3. Em segundo lugar, este dia faz-nos justamente pensar na fragilidade e na precariedade da nossa vida, na condição mortal da nossa existência. Quantas pessoas já passaram por esta nossa terra! Quantos, que um dia estavam connosco com o seu

afecto e a sua presença, agora não estão mais no meio de nós! Somos peregrinos sobre a terra e não estamos certos da duração do tempo que nos é concedido. O autor da Epístola aos Hebreus adverte ao reflectir: “Está determinado que os homens morram uma só vez depois do que vem o Juízo” (Heb. 9, 27). O Ano Santo da Redenção recorda-nos de modo especial que Cristo veio trazer a “graça” divina, redimir do pecado a humanidade e perdoar as culpas. A realidade da nossa morte recorda-nos a atenta advertência do Divino Mestre: “Estai vigilantes!” (cf. Mt. 24, 32; 25, 13; Mc. 13, 35). Portanto devemos viver na graça de Deus, mediante a oração, a confissão frequente, a Eucaristia; devemos viver em paz, com Deus, com nós mesmos e com todos.

4. O inteiro ensinamento e todas as atitudes de Jesus estão projectados para as eternas realidades, em vista das quais o Divino Mestre não hesita em pedir duras renúncias e pesados sacrifícios. A realidade da nossa morte não deve tornar triste a vida nem impedi-la nas suas actividades; deve só torná-la extremamente séria. O autor da Epístola aos Hebreus adverte-nos que “não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da futura” (Heb. 13, 14) e São Paulo, com uma expressão de vivo realismo, faz-lhe eco: “Castigo o meu corpo e mantenho-o em servidão” (Cor. 9, 27). Sabemos de facto que “os sofrimentos do tempo presente nada são em comparação com a glória que há-de revelar-se em nós” (Rom. 8, 18).

5. Caríssimos irmãos e irmãs!

As reflexões sugeridas pela comemoração dos defuntos colocam-nos no grande capítulo dos “Novíssimos” — Morte, Juízo, Inferno e Paraíso. É a perspectiva que devemos ter sempre diante dos olhos, é o segredo para que a vida tenha sempre plenitude de significado e se desenvolva cada dia com a força da esperança.

Meditemos com frequência os Novíssimos e haveremos de compreender cada vez mais o profundo sentido do viver.

Com esta exortação vos concedo de coração a minha afectuosa e paterna Bênção Apostólica.

© *Copyright* - Libreria Editrice Vaticana

Fonte: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf\\_jp-ii\\_aud\\_19831102.html?fbclid=IwAR0qz2XuSKQPSOc79-MjgMRm-xcXBcuidA\\_KFH8HFGC0AhXiExTOM8—Riw](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/hf_jp-ii_aud_19831102.html?fbclid=IwAR0qz2XuSKQPSOc79-MjgMRm-xcXBcuidA_KFH8HFGC0AhXiExTOM8—Riw). Acesso em 22 set. 2019.

xx

## **Apêndice 2:**

O Tempo

JOSÉ REIS CHAVES

### **São João Paulo II defendeu o contato com os espíritos**

01/12/14 - 04h00

O saudoso pastor presbiteriano e escritor Nehemias Marien, do Rio, um dos maiores biblistas brasileiros de todos os tempos, disse que a Bíblia é um manual de psicografia do princípio ao fim, ao que acrescento: e também de psicofonia. Ele ganhou o concurso promovido pela antiga TV Tupi, sobre a Bíblia, no programa “O Céu é o Limite”, de J. Silvestre. Nehemias Marien concorreu com vários padres e pastores doutores em Bíblia.

A Igreja, até meados do século XX, condenou muito o espiritismo e até excomungava os espíritas. Mas hoje não faz mais isso. E como os pastores têm herdado os erros da Igreja do passado, eles ainda atacam o espiritismo, uma parte deles mais por não ver seu dízimo diminuído.

Moisés proíbe o contato com os espíritos (Deuteronômio capítulo 18), mas as 613 leis mosaicas não devem ser confundidas com as leis divinas. Estas, sim, valem para sempre. As mosaicas são temporárias e, às vezes, são até contrárias às leis divinas do Decálogo. Uma mosaica até manda matar a pedradas os filhos rebeldes (Deuteronômio 21: 21).

Moisés proibiu o contato com os espíritos dos mortos por causa da ignorância do povo que nada conhecia de mediunidade para exercer essa prática de contato com os espíritos. Aliás, até hoje, isso é um assunto pouco conhecido. Para entender bem de mediunidade, a pessoa tem que estudar uns cinco anos, um estudo, pois, equivalente ao de uma faculdade. Em outra passagem, Moisés até elogia Eldade e Medade, que estavam recebendo espíritos e profetizando (Números 11: 24 a 30).

Um texto de uma clareza meridiana sobre o contato com os espíritos nos é ensinada por João Evangelista (1 João 4: 1). Ele nos pede que examinemos os espíritos para sabermos se são de Deus ou do mal, para que, como se diz, não tomemos gato por lebre. Observe-se que a palavra “espíritos” está no plural e também em grego (“pneumata”), espíritos esses que, no texto, podem ser maus ou bons. E os evangélicos querem teimar em dizer que são incondicionalmente maus todos os espíritos que se manifestam, com exceção do Espírito Santo trinitário dogmático, que respeitamos e muito, mas que não é bíblico. Inclusive, a Igreja Ortodoxa Oriental, conhecida pela sua fidelidade aos princípios bíblicos do cristianismo nascente, discorda também do cristianismo ocidental em algumas questões trinitárias. E podemos dizer que Deus é, por excelência, o “Espírito Santo”, pois não há outro

espírito mais santo do que Ele, que é o Pai (o chefão) dos espíritos (Hebreus 12: 9). “O Espírito de Deus descendo como pomba”, chamado de “Espírito Santo” e tido como Deus (Mateus 3: 16).

Mas o Espírito Santo na Bíblia é mesmo o conjunto de todos os espíritos, pois cada um de nós é um Espírito Santo. “Nosso corpo é santuário do (dum) Espírito Santo” (1 Coríntios 6: 19). Ele é a nossa alma que habita em nosso corpo, dando-lhe vida. O espírito de Daniel é um dos deuses santos (Daniel 4: 8). Deuses são espíritos humanos encarnados ou desencarnados. “Vós sois deuses” (Salmo 82: 6; e João 10: 34).

**E eis o que disse são João Paulo II na Basílica de São Pedro, em novembro de 1983: “O diálogo com os mortos não deve ser interrompido, pois, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo” (“Veja”, edição 1.899, de 6 de abril de 2005, página 93).**

Recomendo o livro *“Os Espíritos se Comunicam na Igreja Católica”*, de Paulo Neto, GEEC Publicações, Divinópolis, MG.

Fonte: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/jose-reis-chaves/sao-joao-paulo-ii-defendeu-o-contato-com-os-espíritos-1.954879#>.

XX